

ENTREVISTA

**TECENDO O LABORATÓRIO ETNOGRÁFICO ESCOLAR
NOS CURSOS DE LETRAS**

Entrevistada Profa. Dra. Áurea da Silva Pereira
Entrevista concedida a Evanildes Teixeira da Silva¹



[...] Ir apenas visitar a escola é uma bobagem, é preciso que cada um de nós se inscreva como interlocutor desse espaço que se constitui como lugar de produção de conhecimento e de cultura. [...]

Áurea Pereira

¹ Mestra em Crítica Cultural /Pós-Crítica (UNEB). Endereço eletrônico: evanildesteixeira@gmail.com.

O “chão da escola” é uma palavra-chave na história de vida da professora e pesquisadora Áurea Pereira. O seu envolvimento ultrapassa a responsabilidade ética com a educação, academia e contextos escolares. Trata-se de um ato performático com a comunidade rural, uma escuta sincera de todas as suas vozes, uma vivência de partilha de experiências, construindo (auto)biografias de si e do outro. Esse enlace produz conhecimentos e perspectivas de mudanças no cenário educacional e na vida. Sobre a sua formação docente, ela traduz nas palavras “sou cria da UNEB”, sendo uma das vozes relevante nos estudos dos cursos de Letras desta instituição por conhecê-la de “dentro” e de “fora”. Desvirtuando de formas prontas, constrói outros movimentos teóricos com base no “terreno do vivido”.

Investiga os processos de construção cultural, social e político do letramento em comunidades rurais, conhecendo os modos de vida, as práticas discursivas orais e escritas que contribuíram com a construção da cultura letrada nos espaços rurais de Alagoinhas – BA e municípios vizinhos. Atua nos grupos de pesquisa: GRAFHO - Grupo de Pesquisa Autobiografia Formação História Oral; GEREL - Grupo de Estudos em Resiliência, Educação e Linguagens; e, GEPHEG - Grupo de estudos e pesquisas em história, educação e gênero. Publicou e organizou os livros: “Práticas de pesquisa autobiográfica: letramentos, memórias e narrativas”; “Narrativas de vida de idosos: memórias, tradição oral e letramento”; “Estágio e Prática Pedagógica: letramentos e tecnologias digitais na sala de aula”; “Letramentos no estágio supervisionado e formação de professores”, dentre tantos capítulos e artigos publicados.

Áurea Pereira foi contemplada com o prêmio “Professor Nota 10” da Fundação Victor Civita, em 1999, homenageada por muitas turmas de Letras da UNEB e reconhecida pela comunidade rural, urbana e acadêmica de Alagoinhas

pelo seu comprometimento com as histórias de vida de quem quer “andar na pisada de quem sabe mais”. Dialogamos nas linhas que seguem sobre as tecituras que vão sendo trama-das em Letras, o contexto escolar, as narrativas de vida como exercício da cidadania, atentando ainda para a necessidade da ousadia das pesquisas etnográficas escolar numa perspectiva crítica e cultural.

Silva: O que dizer sobre a sua trajetória na UNEB?

Pereira: A UNEB foi inicialmente, a primeira universidade que conheci e fui me constituindo como acadêmica e professora de Língua Portuguesa. Eu sou cria da UNEB. Fui aprovada no vestibular da UNEB em 1992. Fui uma estudante que dividia o tempo entre universidade, trabalho e família. Mas antes mesmo de estar na universidade, eu já havia determinado que seria professora universitária, lembro-me que tinha 12 anos na época e isso se concretizou. Terminei meus estudos na graduação em 1996. E disse para mim que retornaria para a UNEB como professora. De 1997 a 1998 fiz Pós-graduação *lato senso* em Linguística Aplicada ao Ensino do Português (UEFS). Como já era professora da Educação básica procurei me dedicar mais a *práxis* pedagógica, eu gosto muito do chão da escola, mas mesmo gostando de estar na ali, comecei a vislumbrar o retorno à universidade como professora, por isso continuei estudando, pesquisando e participando de eventos. Em 2004 retornei para o campus II, como professora de Estágio Supervisionado em Língua Portuguesa. De 2006-2008, fiz o mestrado em Educação pelo Programa de Pós-graduação em Educação e Contemporaneidade (UNEB), tendo como objeto de pesquisa – A construção de Letramento na comunidade rural de Saquinho, Inhambupe (BA). E de 2010-2014, cursei o doutorado em Educação e Contemporaneidade (UNEB) com estudos de letramentos sociais nas histórias de vida de mulheres idosas do TOPA, na comunidade rural de Saquinho. No dia 03 de março de 2017,

completo 31 anos de docência. Desse período estive como professora, vivenciando o chão da escola, da Educação Básica por mais 25 anos. Como professora unebiana, tenho procurado me dedicar a pesquisa na formação docente e aos estudos dos letramentos sociais, culturais e didáticos. Atualmente, no cargo de diretora do Departamento de Educação, tenho dividido meu tempo entre a parte administrativa e a vida acadêmica como orientações de estudantes de TCC, IC e mestrado.

Silva: O seu envolvimento com a UNEB é norteado pelo afeto, saber docente e competência administrativa. Percorrendo pelo caminho de estudante, formadora docente, pesquisadora e diretora do Departamento de Educação do campus II da UNEB. Quais foram as principais conquistas dos cursos de Letras nos últimos 10-20 anos?

Pereira: Falando do nosso curso de Letras, que se destaca como um dos cursos mais antigo da UNEB, criado em 1972 na FFPA (Faculdade de Formação de Professores de Alagoínhas). O curso passou nos últimos vinte anos por mudanças no quadro docente. Hoje, nós temos um corpo docente de doutores e mestres, com o mínimo de especialistas. Acredito também que a implantação de cursos de doutorado na UFBA contribuiu muito para a formação da maioria do corpo docente dos cursos de Letras das universidades estaduais e da UFBA também; lado a isso, tem-se os cursos de Pós-Graduação *lato senso* e *stricto senso* nos cursos de Letras que foram implantados nas universidades estaduais, especificamente a UEFS que criou o curso de Mestrado em Diversidade Cultural e a UNEB, campus I, criou o Programa de Pós-Graduação em Linguagem e o campus II, nosso Departamento criou em 2008 o curso de Mestrado em Crítica Cultural. Em nosso Departamento, o curso de Letras tem um dos currículos mais avançado das quatro universidades estaduais no que tange ao núcleo pedagógico, apesar dos problemas apresentados de carga horária e ementa. Para dar conta desses desa-

fios, o Colegiado de Letras tem organizado reuniões para discutir o reordenamento e redimensionamento do curso de Letras.

O Curso de Letras, nos últimos anos, destacou-se na pesquisa. Basta observarmos a quantidade de projetos de IC (Iniciação Científica) aprovados nos últimos cinco anos; além disso, a implantação do curso de Mestrado em Crítica Cultural foi um avanço importante para a universidade e para o campus II e região. Destacam-se outros financiamentos de pesquisas que foram contemplados através de projetos de pesquisa da CAPES, CNPq e FAPESB.

Silva: Os estudantes de Letras lidam com uma fauna de perspectivas no campo da linguagem tanto nas licenciaturas quanto nos bacharelados. Em sua opinião, qual o perfil dos estudantes de Letras na contemporaneidade?

Pereira: Atualmente, vejo cada vez mais os estudantes de Letras participando de projetos de pesquisa, extensão e ensino e isso me alegra muito, porque se percebe que há um engajamento dos estudantes e professores com as ações acadêmicas da Universidade, sejam com projetos de extensão, ensino e pesquisa, há um movimento que tende a melhorar a “cara da universidade pública”. Nossos estudantes de Letras tem um perfil um pouco diferente dos estudantes de “meu tempo”, e isso acontece devido a mudança no currículo, mas sobretudo, aos professores envolvidos com projetos e ações do departamento. No meu tempo de estudante de graduação se falava muito pouco sobre os projetos dos professores. Penso que quanto mais divulgarmos os projetos de pesquisa dos professores como estaremos garantindo a participação dos estudantes e oportunizando uma vida acadêmica mais saudável e rica de experiências. Em meu tempo de estudante, tivemos professores excelentes, mas não tinha o tom científico de hoje.

Nosso estudante, em sua maioria vem de escola pública da região, pertence à classe baixa e média baixa, possui

pouco poder aquisitivo; além disso, uma parte desses estudantes escolhe Letras porque não consegue ser aprovado em outros cursos e em outras universidades; e em outros casos, eles escolhem o curso porque não querem sair da cidade. Apenas uma pequena parte escolhe o curso de Licenciatura em Letras porque deseja ser professor pesquisador. Os estudantes que se envolvem com IC tomam, em sua maioria, outra direção acadêmica, que é fazer a seleção de mestrado e seguir a carreira acadêmica, tornando-se professores de ensino superior; e ainda, outros iniciam a docência na educação básica no estágio, começam a tomar gosto pelo curso e pela profissão e fazem concurso para professor de Língua Portuguesa no ensino fundamental e médio.

Silva: Considerando que os entraves dos cursos de Letras ultrapassam a questão curricular, faz-se necessário pensar também o modo como eles estão organizados. Nesse sentido, o que pensa sobre a estrutura dos cursos de Letras/UNEB?

Pereira: Penso que no tocante ao ensino, temos avançado bastante, mas precisamos de mais laboratórios e projetos que permitam nossos estudantes a vislumbrarem de forma precisa o lugar que cada um tem no curso de Letras e como está se inscrevendo e escrevendo sua experiência no curso. Então, acredito que se ousássemos mais com um currículo que emancipasse o mais cedo possível a experiência com a pesquisa-ação e experiência etnográfica escolar, estaríamos numa situação mais desafiadora, mas ao tempo mais confortável, porque certamente estávamos vislumbrando coisas diferentes. Dessa experiência, com a orientação dos professores, os estudantes poderiam eleger os componentes curricular e referencial teórico que pudessem nortear a biografia acadêmica do estudante de Letras com a etnografia escolar bem diferente do que vivemos hoje. Nesse caso, os estudantes inscreveriam e escreveriam seu currículo, seus projetos de pesquisa e extensão, sob as orientações de pro-

fessores. Nesse caso, eles poderiam adquirir mais autonomia, seriam os autores de sua vida acadêmica, porque construíram para si um currículo baseado em suas inquietações de aprendizagem e pesquisa.

Silva: Fale um pouco mais como seria este ordenamento de Letras a partir do laboratório etnográfico escolar?

Pereira: A palavra ordenamento dá a ideia de colocar em ordem o curso de Letras e parece-me que a ideia não é essa. A proposta é construir um curso de Letras com perspectivas que atendam as demandas do “chão da escola”, contemplando os saberes dos estudantes da educação básica. Eu penso que primeiro deveríamos conhecer as escolas, os currículos das comunidades que estão nas salas de aulas e por último o currículo imposto à escola. Para mim essa tarefa seria feita a partir de um laboratório etnográfico escolar. Se conseguirmos fazer esse primeiro enfretamento, acredito que nos livraremos de um currículo etnocêntrico engessado, elaborado por pessoas que não pensam educação e nem fazem educação e nunca estiveram numa sala de aula de uma escola pública, por isso precisamos das etnografias e biografias escolares para conhecer melhor os saberes e desejos dos sujeitos que tecem o cotidiano escolar.

Silva: A linguagem é uma das possibilidades de questionar as representações e conquistar os direitos. A linguagem, a educação e a democracia estão interligados, tornando possível a atuação crítica dos sujeitos. Quais são os desafios para a docência do ensino superior, no sentido de instrumentalizar os sujeitos para desconstruir as arbitrariedades dos discursos que impedem o aperfeiçoamento dos mecanismos democráticos de participação e efetivação de direitos?

Pereira: Um dos desafios na formação docente é conhecer as realidades educacionais para depois discutir e construir teorias. Não creio em discursos elaborados e concebidos por pessoas que não conhecem os diversos modos de fazer educação e nem conhecem os sujeitos que estão no

“chão da escola”: professores e estudantes. Criar teorias sem conhecer a práxis desses sujeitos é difícil e desrespeitosa. Creio que se os professores do ensino superior e que trabalham nos cursos de licenciaturas adentraram as escolas e suas salas de aulas interagindo com os protagonistas que estão lá tecendo o cotidiano escolar, poderão dar excelentes contribuições para a construção de uma nova escola com o currículo que dê visibilidade aos saberes linguísticos, sociais, culturais e políticos que estão presente ali.

Silva: O que é a etnografia escolar na perspectiva da crítica cultural?

Pereira: Penso que a etnografia escolar na perspectiva da crítica cultural seria tomar a escola como espaço de aprendizagens, construção de conhecimento e lugar de produzir cultura. Ali as pessoas vão se inscrevendo e se reescrevendo, como diz Geertz (1989, p.14)²: “inscreve o discurso social: ele o anota”. Ir apenas visitar a escola é uma bobagem, é preciso que cada um de nós se inscreva como interlocutor desse espaço que se constitui como lugar de produção de conhecimento e de cultura. É tomar partido com o que está acontecendo, é conhecer e respeitar os saberes, as crenças, os valores e as atitudes expressas nas biografias de nossos estudantes e suas práticas socioculturais, bem como suas inquietações que estão registradas nos corredores das escolas, nas paredes, nas músicas que escutam, nas roupas que usam, nos livros e revistas que leem. É preciso um olhar sensível, um olhar humano para conhecer a tessitura do cotidiano escolar, observando seus tecidos, as linhas e as cores que foram escolhidas e as que foram impostas.

Silva: O livro “Narrativas de vida de idosos: memórias, tradição oral e letramento”, resultado da sua pesquisa de mestrado, demonstra as formas de letramento na comuni-

² GEERTZ, Clifford. Uma descrição densa: por uma teoria interpretativa da cultura. In: *A interpretação das culturas*. Rio de Janeiro: LTC, 1989.

dade rural de Saquinho- Inhambupe, evidenciando o poder da oralidade das narrativas dos idosos. Em que medida a prática oral e escrita na comunidade rural tem proporcionado ferramentas para a cidadania?

Pereira: Reconhecer os letramentos sociais da oralidade e da escrita, bem como as memórias da ancestralidade e as práticas culturais dos moradores de Saquinho, é respeitar um legado cultural e história de um povo que habita ali por mais de 300 anos. Isso para mim se constitui como caminho para o exercício de cidadania. E a escola pode se apropriar das narrativas dos idosos para elaborar aulas e preparar materiais didáticos escolares, além de preparar aulas de campo com os estudantes para conhecer a comunidade. Seria maravilhoso se as escolas preparassem o planejamento escolar colocando como foco, as memórias da escola, da comunidade, das famílias, das ruas, dos rios e etc. E a partir daí, poder elaborar projetos com seus pares que pudessem partir de debates, fórum e encaminhamentos feitos por estudantes em diálogo com os professores. Acredito que as narrativas do livro supracitado permitem pensar uma proposta didática decente para Saquinho. O primeiro lançamento do livro “Narrativas de vida de idosos: memórias, tradição oral e letramento” foi feito na comunidade rural de Saquinho e há uma cena que ficará para sempre em minha memória: mais de 70 pessoas (setenta) compraram livros e pediram autógrafos. Os livros eram para os netos, os filhos, os sobrinhos, os genros e noras. Eu percebia ali o vínculo de pertencimento que as pessoas demonstraram ao ter acesso ao livro.

Silva: O seu atual projeto de extensão é “Lendo nas escolas, ruas, praças e zona rural: Ler é viver... “. Como a comunidade tem recepcionado este projeto de intervenção social?

Pereira: “Lendo nas escolas, ruas, praças e zona rural: Ler é viver... “é um presente. Esse projeto tem permitido viver experiências maravilhosas levando a literatura para

peças idosas, crianças, adolescentes, jovens e adultas. A leitura na praça nos oportuniza em poucas horas dialogar de forma literária com pessoas de lugares diferentes. Ali as pessoas demonstram a intimidade com a literatura. Não importa se o livro é para criança, adulto, adolescente ou idoso, o que está em jogo é o gosto literário, é modo como cada um sente a literatura em sua vida. É uma experiência indescritível. Na zona rural é incrível como as pessoas recebem o projeto em suas casas e convidam os vizinhos para participarem das atividades literárias. Algumas pessoas apresentam mais intimidade com o livro literário, outras são mais tímidas. Mas quando iniciamos as atividades todas participam, contando histórias ouvidas de seus avôs e pais, outras lembram de experiências que apresentam relação com os livros e histórias lidas e contadas. E isso é maravilhoso!

Silva: Se possível, deixe uma mensagem para os pesquisadores e leitores da Grau Zero e agentes do campo educacional?

Pereira: Eu sou uma entusiasta da educação. É preciso estar apaixonada todos os dias pelo que você é, tornou-se a ser e gosta de fazer. Eu gosto de estar neste lugar: de exercitar a humanização, ser mulher, ser educadora, ser professora, ser pesquisadora, ser eu – Aurea.

Silva: Parabéns pelos 31 anos de docência! Agradecida pela gentileza de sempre.